

NO CAMINHO DA LEITURA LITERÁRIA OU COM A LEITURA LITERÁRIA EM SEU CAMINHO

IN THE WAY OF LITERARY READING OR A LITERARY READING IN YOUR WAY

Maria Gorete Paulo Torres¹

Maria Lúcia Pessoa Sampaio²

Resumo: *Este trabalho é resultado de uma dissertação de mestrado na qual se identifica que textos literários são lidos por professoras do curso de Letras/Língua Portuguesa, de uma Universidade pública. Verifica-se ainda, com que finalidade e com frequência as professoras pesquisadas realizaram a leitura literária e como ocorreu esse processo. Como aporte teórico foram utilizados os estudos de Antunes (2009), Amarilha (1997 - 2006), Magnani (2001), Machado (2002), Martins (2006), Sampaio (2005), dentre outros, que discutem sobre o processo de formação de leitores e a leitura por prazer. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, além de se configurar como uma pesquisa descritiva e interpretativa. Caracteriza-se como uma pesquisa documental, pelo fato de se trabalhar com material escrito de primeira mão. Utiliza-se a indução como procedimento de análise o corpus se constituiu de depoimentos das professoras já mencionadas. Os resultados apontam que as professoras pesquisadas realizaram e/ou realizam leituras de uma grande diversidade de textos literários em uma frequência constante e que as professoras realizam a leitura literária com várias finalidades, tais como: para discussão e reflexão em sala de aula, para ajudar a compreender as teorias utilizadas em suas aulas e para sentirem prazer.*

Palavras-chave: *Leitura literária; professoras de Letras; formação leitora.*

Abstract: *This work is the result of a dissertation which identifies that literary texts are read by teachers in the Bachelor's / Portuguese Speaking at a public university. There is still, for what purpose and often the teachers surveyed held a literary reading and how this process occurred. Were used as theoretical studies Antunes (2009), Amarilha (1997 -2006,), Magnani (2001), Machado (2002), Martins (2006), Sampaio (2005), among others, that discuss the process of training of readers and reading for pleasure. This is a qualitative research, and configure as a descriptive and interpretative. Characterized as documentary research, the fact of working with written material firsthand. We use induction as the corpus analysis procedure consisted of statements from teachers already mentioned. The results show that the teachers surveyed held and / or perform readings of a wide variety of literary texts in a constant frequency and that teachers perform literary reading for various purposes, such as for discussion and reflection in the classroom to help understand the theories used in their classes and to feel pleasure.*

Keywords: *Reading literary; teachers of Literature; reader training.*

¹ Docente da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura – Rio Grande do Norte (SEEC/RN). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: goretetorres@hotmail.com

² Docente do Departamento de Educação (DE), do Campus Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-Doutorado no Laboratoire d’Etudes Romanes, na Equipe de Linguistique des Langues Romanes na Université Paris 8, France. Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: malupsampaio@hotmail.com

Introdução

O artigo que ora apresentamos traz parte dos resultados da pesquisa *Na trilha da leitura literária de professoras de metodologias do ensino de Língua Portuguesa (MELPS)*, desenvolvida por Torres e Sampaio (2012), na qual procuramos analisar as experiências de leitura literária das professoras dos cursos de Letras/Língua Portuguesa e de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e suas possíveis contribuições para a formação leitora dos futuros profissionais da Educação Básica. Norteamo-nos por duas metas principais: em um primeiro momento, identificar que textos literários são lidos pelas professoras do curso de Letras/Língua Portuguesa da UERN. Assim, realizamos algumas análises acerca dessas leituras e, através delas, visamos compreender o processo de formação leitora dessas professoras, até mesmo após o início de sua vida acadêmica. Em um segundo momento, verificamos com que finalidade e com que frequência as professoras acima mencionadas realizam leituras literárias e como ocorreram/ocorrem essas leituras.

Tomamos como material de análise depoimentos de professoras do curso de Letras/Língua Portuguesa. Todas as professoras pesquisadas constituem ou constituíram o quadro de docentes da UERN que compõem os Departamentos de Letras - DLs do *Campus Central*, sediado em Mossoró, e do *Campus Avançado Walter de Sá Leitão – CAWSL*, localizado em Assu. Vale ressaltar que todas as professoras pesquisadas lecionam ou lecionaram na época da coleta dos dados a disciplina de “Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa – MELPs”, a qual no curso de Letras da universidade pesquisada possui a nomenclatura de “Didática da Língua Portuguesa”. Na análise desses documentos, tivemos, também, a preocupação de compreender todo o processo de formação leitora dessas professoras, levando em consideração como ocorreu o início dessa formação, as possíveis dificuldades encontradas no decorrer do percurso, a superação dos obstáculos, os avanços, bem como os encontros marcantes com a leitura literária, pois só através desse caminho, dessa retrospectiva, fomos capazes de entender como os sujeitos dessa pesquisa se constituíram leitores literários, para assim, acreditamos nós, contribuir na formação de futuros leitores.

O trabalho advém de uma pesquisa qualitativa, pois busca compreender a relação entre a leitura literária e o sujeito que a pratica, visto que mundo e sujeito nutrem um vínculo indissociável. Nossa pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa descritiva e interpretativa, já que realizamos uma descrição dos dados obtidos através dos depoimentos das professoras pesquisadas. Ainda podemos caracterizá-la como uma pesquisa documental,

pelo fato de trabalharmos com material escrito de primeira mão, aqui especificamente os depoimentos produzidos pelas professoras. Adotamos o método indutivo de análise dos dados. Como aparato teórico do estudo, apoiamos-nos em diversos autores, como Antunes (2009), Amarilha (1997, 2006), Magnani (2001), Machado (2002), Martins (2006), Sampaio (2005), dentre outros.

2 Leitura literária e formação do leitor

Formar leitores tem sido um desafio para os que atuam na educação brasileira. Muitos depoimentos de educadores e pesquisadores chegam a nos revelar que grande parte dos sujeitos de nossa sociedade ainda não se constituiu leitores. Mas, afinal, de quem é a responsabilidade da formação de leitores? Da escola? Da família? Das instituições sociais e religiosas? Estas questões têm sido refletidas, analisadas e alguns estudiosos têm se posicionado sobre elas.

Consideramos que a formação do leitor, principalmente a formação do leitor literário, geralmente, é dividida entre a escola, a família e demais instituições, mas que é na escola, e/ou nos programas de leituras que essa formação tem mais chances de ser sistematizada, consolidada, melhor dizendo, cabe às instituições educacionais a tarefa de criar possibilidades para concretizar a formação leitora.

Entretanto, mesmo as instituições educacionais sendo conscientes de seu importante papel na formação de leitores, de acordo com Antunes (2009), ainda não conseguiram realizar com eficácia tal atribuição, pois o que vemos e ouvimos com frequência são relatos dos próprios professores sobre as não leituras de seus estudantes. Isso pode ser explicado pela grande importância dada ao estudo de gramática, realizado de forma descontextualizada, que se dá mediante o uso dos textos como pretexto para fins gramaticais (ANTUNES, 2009). Além disso, para Kleiman (1995), as práticas de leitura na escola podem não resultar em uma lembrança agradável para muitos, já que muitas dessas práticas são desmotivadoras e estão quase sempre ligadas a concepções equivocadas sobre o texto e até mesmo sobre a linguagem. Como essas práticas são sustentadas, ainda hoje, por parte de algumas instituições educacionais, elas acabam funcionando como um mecanismo poderoso de exclusão também fora da escola.

Para a autora, o fato da escola não fazer da leitura uma atividade a qual o aluno se sinta instigado a ler, cada vez mais funciona como algo negativo, pois essa deve ser uma atividade prazerosa, baseada sempre no desejo e na descoberta, levando o leitor a querer

sempre mais, e, ao mesmo tempo, sendo conscientizado da possibilidade de além do prazer proporcionado pela leitura, adquirir conhecimentos diversos. Esse prazer e conhecimento paralelos ao ato de ler podem ser alcançados, principalmente, com a leitura literária. De acordo com Martins (2006), oportunizar aos estudantes o contato desde cedo com a leitura literária é contribuir fortemente na sua formação intelectual, e ao mesmo tempo, oferecer-lhes prazer. Assim, percebemos que a escola e o próprio professor têm certa responsabilidade em relação à formação do leitor, principalmente do leitor literário.

Pesquisa realizada anteriormente (TORRES, 2010) anuncia que grande parte das experiências de leituras literárias de estudantes se inicia com os professores, o que reforça a nossa ideia de acreditar na grande importância desse profissional na formação de leitores literários. Percebemos, então, que o papel do professor como mediador e incentivador da leitura deve ser o de despertar o gosto pela leitura literária, pois, agindo assim, poderá contribuir para formar leitores conscientes e aptos a entenderem a sociedade de que fazem parte. Isso porque a leitura literária precisa ser estimulada, para que se possa alargar a visão de mundo de nossos estudantes, não só os fazendo ler por ler, pois a literatura vai além de uma simples leitura. Segundo Colomer (2003), através dela verticalizamos a nossa visão de mundo cultural e histórico-social, dada a sua capacidade política e reveladora das condições e dos conflitos da realidade.

A escola deve valorizar o trabalho com a leitura literária, sem que o professor a transforme em situações voltadas única e exclusivamente para avaliação e correção. Os próprios PCNs, ao refletirem acerca do ensino da Literatura e do processo que é realizado na escola tendo o texto literário como “suporte” e, reconhecem a descontextualização de alguns procedimentos que não irão contribuir para a formação do leitor.

A questão do ensino da literatura ou leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto” etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 2001, p. 37-38).

De acordo com o mencionado, cabe a escola criar um “espaço” para o trabalho com o texto literário através de procedimentos que não descontextualizem as particularidades da

literatura, valorizando suas singularidades e contribuindo para a formação leitora do sujeito através da profundidade e sutileza dessas construções. Portanto, acreditamos que a singularidade do ensino da literatura se dá através das atividades realizadas pela escola e que essas atividades deverão ser norteadas para a formação de leitores com vistas a construir sentidos com as leituras realizadas.

3 Na tentativa de encontrar leitores...

Partindo do pressuposto de que a leitura literária deve fazer parte da vida de todo indivíduo e na tentativa de encontrar leitores, mais especificamente leitores literários, ao observarmos as experiências advindas das memórias das professoras pesquisadas, é que realizamos esta pesquisa.

Assim, nos debruçamos sobre os depoimentos das professoras Letras/Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Visamos, nesse primeiro momento, verificar que leituras literárias são realizadas por essas professoras durante todo o processo de formação leitora, e também após o ingresso no magistério no ensino superior. Desejamos, ainda, através da análise desses materiais, identificar com que finalidade e com que frequência essas professoras realizam ou até mesmo realizaram a leitura literária e como se dá a leitura desses textos.

3.1 Despertando para o mundo encantado das palavras

Ao analisarmos os depoimentos das professoras de Letras, podemos perceber que, de um modo geral, os primeiros contatos com a leitura propriamente dita, como também com a leitura literária, ocorreram ainda quando crianças, e, através da família. Isso pode ser visto como um fator positivo, visto que, para a maioria dos estudiosos em educação, é na família que se inicia o processo de letramento, bem como o letramento literário. Antunes (2009) afirma que mesmo antes de frequentar os bancos escolares, geralmente, a criança tem a oportunidade de vivenciar situações nas quais estejam presentes a escrita e a leitura, tanto no ambiente familiar como no meio social em que vive. De acordo com a autora, o processo de formação leitora, na maioria dos casos, tem seu início no convívio familiar, sendo, possivelmente, aperfeiçoado, posteriormente, nas relações que a criança mantém com o outro nas mais variadas instituições sociais.

E isso ocorre com naturalidade, já que para a criança ter contato, nos dias de hoje, com a leitura, ela não precisa ir à escola, pois cotidianamente nos deparamos com materiais impressos, sem falar nos meios digitais, que na atualidade, fazem parte da realidade de grande parte de nossas crianças. Não podemos esquecer aqui de mencionar o contato que geralmente mantemos com a leitura por meio da oralidade, através da qual, praticamente todos nós, mantemos o nosso primeiro contato com a leitura literária, pois antes mesmo de sabermos falar, nossos pais, parentes e amigos nos contam histórias infantis, cantam músicas folclóricas, despertando-nos para um mundo fantástico.

Para confirmar nosso pensamento e corroborar com os estudos de Antunes (2009), nos reportamos, agora, ao testemunho da professora Lucíola³, que inicia seu depoimento dizendo: *Neste momento em que sou instigada a pensar sobre o início de minha formação como leitora literária, saudosamente, recorro a minha infância, antes mesmo de frequentar a escola.* Esse contato com a leitura literária através da família, possivelmente, fortalece a relação do sujeito com a literatura, pois sendo a família a base da educação de um indivíduo, ela tende a passar para seus membros os valores, hábitos, costumes e gostos, e, de maneira concreta, contribui na formação desses sujeitos, formação essa que mais tarde deverá ser complementada pela escola.

No depoimento da professora Carolina também verificamos a influência da família na sua formação leitora, mesmo que de maneira restrita. A professora afirma a existência de alguns escritos no ambiente familiar (a bíblia, livros didáticos e cadernos), e isso despertava sua curiosidade em saber o teor ali existente. A presença de livros no convívio de uma criança, sem dúvida, tem o poder de desenvolver a vontade de manusear, de ter contato com o escrito, de tentar descobrir, seja através das imagens, se ali existirem, ou mesmo da imaginação, o que os desenhos gráficos, as letras, estão “contando”.

Outro fator que desperta a vontade de ler e até o gosto pela leitura é o convívio com o sujeito leitor. No geral, a maioria das crianças tende a repetir os gestos, gostos do adulto, e ao presenciar, de forma constante, alguém lendo com entusiasmo, com prazer, possivelmente, ela desenvolve a curiosidade, a vontade de também investigar que tipo de sensação aquele sujeito vive no ato da leitura. No depoimento da professora Capitu, podemos constatar esse fato quando afirma: *Comecei a ler livros literários através de minha irmã.*

³ Fizeram parte de nossa pesquisa três professoras do curso de Letra/Língua Portuguesa da UERN, para as quais utilizamos nomes fictícios.

A professora Lucíola também reforça essa ideia, pois eram também os livros lidos por sua irmã que a faziam sonhar com o mundo da fantasia. Sonhava em descobrir como eram os personagens e até em se colocar no lugar deles e viver suas experiências, suas emoções e sensações. Vejamos: *sonhava em um dia abrir aqueles livros que, principalmente, a minha irmã mais velha trazia para casa e ler eu mesma aquelas histórias*. Essa experiência, esse desejo, mostra-se ter sido intenso na vida da professora, pois ela confessa ainda lembrar-se até hoje os títulos dos livros que começaram a aguçar seu desejo pela leitura.

3.2 Mas existiam pedras no meio do caminho...

A partir, então, desses primeiros contatos com a leitura, a prática de ler foi se intensificando e ao mesmo tempo se diversificando para essas professoras, entretanto, foram surgindo também alguns empecilhos, como a não existência de bibliotecas nas escolas ou a falta de incentivo por partes dos professores dessas profissionais, fazendo com que o “curso do rio”, que deveria seguir fluentemente, fosse dificultado, pois nele havia algumas pedras no meio do caminho.

A professora Lucíola nos mostra algumas dessas dificuldades: *Nessa etapa da minha formação, na escola, a minha experiência com a leitura limitou-se àquela proposta nas atividades com textos em livros didáticos, muito raramente, quando estes eram distribuídos pelo governo. [...] Na escola, não havia biblioteca*. Podemos notar claramente, a falta de investimento por parte do governo em materiais destinados a leitura, mais especificamente a obras literárias, bem como a falta de incentivo de profissionais docentes. Em relação aos professores, podemos atribuir tanto às condições precárias de vida e de trabalho da época, como a própria formação, já que a professora deixa claro que seus professores de ensino fundamental não tinham curso superior e alguns desses ainda não haviam concluído nem o Magistério⁴.

No tocante às dificuldades enfrentadas pela professora Carolina, destacamos a não existência ou a não divulgação de uma biblioteca na escola onde cursou parte do ensino fundamental. Ao relatar esse fato, sentimos certa nostalgia por parte da professora. Vejamos:

⁴ Curso de nível médio que tem como objetivo “preparar” profissionais da educação, mais especificamente professores, para atuarem em salas de aula da educação infantil e nos primeiros anos da educação fundamental (1º ao 5º ano). Vale lembrar que apesar desse curso não ser em nível superior, diferentemente da atualidade, na época relatada pela professora pesquisada, quem era portador desse diploma, era também considerado qualificado para lecionar, mesmo não tendo cursado o nível superior.

Era uma boa escola, mas nunca fui à biblioteca, acho que não havia. Foi um período que os livros quase desapareceram de minha vida.

Dessa forma, entendemos que para a escola cumprir seu papel de formadora de leitores, necessário se faz que as condições sejam favoráveis, ou seja, a instituição possua um ambiente que proporcione a leitura além, de um acervo diversificado e disponível aos alunos e, ainda, a existência de profissionais preparados para incentivar o gosto de ler. Entretanto, o que tem ocorrido nos últimos tempos no Brasil são instituições de ensino, ainda um pouco despreparadas para realizar as atividades referentes à leitura. Geraldi (2006, p. 82) assevera isso quando afirma: “Se a escola é um dos lugares sociais privilegiados de acesso à leitura, [...] para quem ensina a ler, para quem tem por obrigação formar leitores, inexitem condições sociais de leituras”.

Para o autor, os professores não têm tido oportunidade de ler e hoje estão concretamente afastados dos livros em decorrência de suas condições de trabalho e até do próprio salário. E dessa forma, estão “vivendo entre dois paradoxos (ensinar a ler a quem sabe que não terá direito a ler, ensinar a ler sem ter direito a ler), não é de surpreender que a escola tem se revelado impotente na formação de leitores” (2006, p. 82).

A professora Capitu relata suas dificuldades em relação ao acesso à leitura literária já no curso superior. Apesar de ter cursado Letras com habilitação em Língua Portuguesa, deixa claro seu restrito contato com a leitura de obras literárias e a discussão referente a esses textos. Essa profissional, mesmo tendo cursando uma graduação em licenciatura e, devendo essa ser uma das responsáveis em colocar para o mercado de trabalho, no âmbito educacional, sujeitos com uma formação de leitura eficaz, e, conseqüentemente, capazes de contribuir de maneira bastante significativa para a formação dos futuros leitores literários, não teve, nesse curso, a experiência devida, pois, como afirma, *parece que o curso de Letras separa com rigor os conteúdos “literários” e aqueles conteúdos que se voltam mais para a produção de textos ou Linguística*. Dessa forma, no cotidiano das atividades acadêmicas, mais especificamente no curso de Letras, de acordo com o depoimento dessa professora, a prioridade são os textos de teoria literária e não as obras literárias.

3.3 Algumas pedras são retiradas do meio caminho

Mesmo enfrentando algumas dificuldades, ainda encontramos sujeitos leitores, pessoas que superam os obstáculos e fazem do mundo da leitura uma forma de viver melhor e com mais prazer. Acreditamos que o ser humano tende a sentir a necessidade da leitura e,

assim, “a alma responde” ao chamado de um livro, e o sujeito desejoso de prazer e conhecimento se esforça para retirar algumas “pedras” que poderão surgir “no meio do caminho”.

Em nosso *corpus*, verificamos um aspecto comum. As professoras pesquisadas, mesmo enfrentando dificuldade de acesso ao livro e, conseqüentemente, à leitura literária, não desistiram de manter um contato bem próximo com o livro, todas elas iniciaram esse contato com empréstimos de obras. E mesmo quando o acesso à literatura ainda se configurava em algo ainda mais restrito, era através da leitura do livro didático que esse contato era mantido, mesmo de forma fragmentada, como até hoje os livros apresentam os textos literários. Mesmo assim, essa era uma oportunidade de se buscar uma nova leitura. Para tanto, a maioria desses profissionais viram, na escola, bibliotecas, ou nos ambientes educacionais uma luz a ser seguida e, assim, liam na *biblioteca da escola nos horários vagos, quando faltavam professores, e no intervalo*, pediam livros emprestados, levavam para casa e deleitavam-se com suas narrativas.

Não podemos deixar de perceber então, o poder que a escola possui e, ao mesmo tempo, a sua responsabilidade em contribuir para a formação do leitor literário. Como relatamos acima, e percebemos através dos depoimentos que analisamos, é na família que, geralmente, se inicia esse processo de letramento literário, mas cabe à escola continuar esse letramento. Para isso, ela precisa estar preparada para acolher a criança, o jovem e oferecer o que for de melhor para sua formação. Entendemos que um dos principais aspectos que devem ser trabalhados se refere à diversidade de obras, ao aconchego que deve oferecer ao leitor, em especial ao leitor iniciante, oportunizando e aprofundando sempre o seu contato com a leitura.

Antunes (2009, p. 189) considera que, apesar da família e outras tantas instituições também exercerem o papel de formadoras de leitores, é a escola a maior responsável por essa tarefa. Para a autora, “a escola é especificamente, a instituição social encarregada de promover, aprofundar e sistematizar a formação instrucional e a educação da comunidade”. Nesse sentido, escola e professores/educadores, no geral, têm uma grande responsabilidade na formação do leitor, e para que cumpram com seu papel, se faz necessário que os educadores se portem como uma figura que acolhe e esteja aberta às diversidades, às inovações, ao diálogo e, assim, consiga, de forma dinâmica, apresentar aos estudantes e/ou leitores a leitura como sinônimo de necessidade, mostrando que, através dela, o indivíduo tem a possibilidade de absorver conhecimentos, de desenvolver suas competências leitoras, não somente dentro da escola, mas, também, fora dela, e principalmente, que a leitura proporciona prazer, “viagens”,

encantamentos e conhecimentos de um mundo que pode não ser o do sujeito que lê e que por isso até então era desconhecido (MAGNANI, 2001).

Cabe, portanto, à escola incentivar o gosto pela literatura e não, como ocorre em alguns casos, forçar seus alunos a leitura, pois como ressalta Villard (1999, p. 94), “o importante não é obrigar ninguém a nada, mas atrair, mostrar como tudo aquilo que se está fazendo ali é bom e divertido, até que se crie uma intimidade, uma autonomia”.

3.4 E as professoras seguem algumas trilhas...

Ainda visando mostrar como as professoras pesquisadas “superaram” os obstáculos e mantiveram contatos com a literatura, nos reportamos ao caso da professora Lucíola que, em certo período de sua escolaridade infantil, chegou a ler todos os livros de “historinhas” que havia na pequena biblioteca da escola em que estudava. Fato marcante em sua vida, pois até hoje se lembra de alguns títulos desses exemplares. E mesmo quando as escolas não lhe proporcionaram o prazer da leitura, influenciada por sua irmã mais velha, passa a deleitar-se com os “romances” *Sabrina e Julia* e as *fotonovelas* impressas em revistas. Os empréstimos de livros passaram a fazer parte de sua vida e foi através desses que teve seu primeiro contato com um cânone da literatura brasileira, *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

Vale salientar que a professora deixa claro que, a partir desse contato inicial com os cânones da literatura, não mais parou, mesmo *sem nenhuma interferência ou participação da escola básica*. Tendo lido durante o seu ensino médio apenas uma obra literária indicada pela escola, (*O Seminarista*, de Bernardo Guimarães), pois apesar dessa modalidade de ensino oferecer a disciplina de Literatura em todas as séries, suas aulas *resumiram-se à historiografia literária: características, contexto histórico, principais autores e principais obras (apenas os títulos) das então denominadas Escola Literárias*.

Ainda hoje, podemos perceber que a prática relatada nesse depoimento, continua sendo exercida, na maioria das escolas, e, de acordo com Cosson (2009), o ensino de literatura está sendo praticado, quase sempre, de maneira equivocada, pois a literatura é vista somente como uma disciplina que preconiza a história da literatura, sempre presa aos programas curriculares, esquecendo-se de permitir que “a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige” (p. 23). Para isso, o ato de ler obras/textos literários precisa ser colocado como prática indispensável na escola.

O autor deixa claro, entretanto, que os aspectos históricos da literatura e as informações relacionadas aos autores se constituem aspectos importantes, mas que devem ser

trabalhados a partir das obras literárias e não de maneira descontextualizada. Melhor dizendo, os professores da disciplina de Literatura deverão partir das leituras literárias, de suas discussões, análises e construções de sentidos para, em seguida, compreenderem os aspectos diversos que constituem as obras/textos literários (época, historicidade, biografismo de autores, entre outros) para, assim, contribuírem de maneira mais eficaz na formação leitora do sujeito. Sampaio (2005, p. 207), destaca que no contato com a literatura o sujeito é possibilitado a compreender “que o texto ficcional comporta elementos de um dado momento histórico e o leitor se encontra inscrito com o mundo”.

Diferentemente da professora Capitu, como relatamos em tópico anterior, percebemos, através da análise do depoimento da professora Lucíola, que o curso de Letras, iniciado na UERN e concluído na UFRN, contribuiu (mesmo que as leituras literárias tenham sido em menor proporção do que as leituras de crítica literária e de teoria linguística) com sua formação de leitora literária, já que durante o referido curso leu na íntegra *O Seminarista*, de Bernardo de Guimarães; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Capitães de Areia*, de Jorge Amado; *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós; *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *O Atheneu*, de Raul Pompéia e *Os Lusíadas*, de Camões.

Superar as dificuldades de acesso e/ou incentivo à leitura literária, por parte de profissionais da educação, também fez/faz parte da vida da professora Carolina, pois, embora na escola em que cursou o ensino médio não houvesse biblioteca, ela dedicou-se, nesse período à *leitura de livros de literatura. Lia um livro diariamente. Começava a leitura à tarde e só dormia à noite depois que concluísse. Assim, leu do Barroco ao Modernismo; do universal ao local. Na falta de livros categorizados como literários, recorria aos empréstimos de obras consideradas “não-literárias na época. Cordel, Sabrina, Bárbara, etc; Revistas infantis, de moda, de informação; Fotonovelas; Jornais;*

Ser aprovada no vestibular e frequentar o curso de Letras a fez descobrir um tesouro, a Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Para a professora, *uma colossal biblioteca*. E nos primeiros meses do curso sua presença nesse espaço foi constante, chegando a solicitar o empréstimo de três livros por vez. Entretanto, descobriu que o tempo destinado à leitura por prazer estava totalmente limitado, pois tinha que realizar a leitura de textos teóricos, exigida e, na maioria dos casos, privilegiada pela academia. Mesmo com o tempo restrito e, as leituras literárias sendo penalizadas, a depoente descobre *um tesouro*, um volume com todas as obras de José de Alencar. Através desse, declara que leu *Senhora* várias vezes, bem como a *Viúvinha* e *Cinco*

minutos, mas descobriu que não gostava das obras indianistas. Já no Mestrado, declara que leu “*Carmem, Édipo, Medeia*”. Mas, uma das mais significativas experiências com a leitura literária ocorreu na época em que atuava como professora da Educação Básica, pois foi nesse período que, além de ler para preparar suas aulas e incentivar a leitura por prazer aos seus alunos, conseguiu se envolver em vários projetos relacionados à leitura (*Viagem Nestlé pela literatura, Um prêmio escrevendo o futuro, Olimpíadas de Língua Portuguesa, Um poema chama Brasil, entre outros*), chegando a ganhar juntamente com uma aluna um prêmio de um concurso do Banco Central.

Reafirmamos, então, através da confissão dessa profissional de educação, a importância para a formação do leitor literário do trabalho do professor, especialmente, do professor leitor, pois acreditamos que o incentivo e a formação do gosto pela leitura terá muitas dificuldades em se concretizar se “desenvolvido” por um sujeito não leitor. Para Machado (2002), é de fundamental importância que o professor tenha internalizadas e também externalizadas suas leituras, pois, por serem professores e como tais, responsáveis pela formação de leitores, precisam estar a todo tempo compartilhando e partilhando as leituras que realizam e, assim, instigar no seu aluno a vontade de ler e de conhecer essas obras divulgadas, indicadas, sugeridas e até admiradas por seus professores. Acreditamos, então, que para formar leitores, precisamos primeiro ser leitores.

A professora Capitu, não nos deixa, totalmente, claro se superou as dificuldades encontradas em relação à leitura literária, e mesmo não elencando as obras que foram lidas em sua vida estudantil e profissional, considera que durante o percurso realizado no curso de Letras a leitura literária não se constituía em uma prática constante, pois liam “poucas obras”, já que prevalecia a leitura da teoria literária. A professora ainda explicita que: *as experiências com leitura de livros literários oportunizaram melhorar minha prática de escrita e de leitura.*

Somos conhecedores das várias funções da leitura literária, e sabemos que todas elas são muito importantes para nossa formação, mas não acreditamos que deva ser usada somente como pretexto para o sujeito conseguir aprimorar a sua prática de leitura e escrita. Não estamos negando que a leitura, em suas mais diversas modalidades, principalmente quando se trata de textos literários, contribui para que a prática de ler e escrever ocorra com mais eficácia, pois como afirma Candido (2000), a leitura literária possibilita a apropriação do registro padrão da língua e refina o desempenho linguístico do leitor, favorecendo, dessa forma, o crescimento intelectual, pois interfere no seu pensamento/raciocínio lógico por meio do desenvolvimento e aprimoramento da linguagem. O que estamos a defender é que não se pode ver a leitura somente com a função de fazer o sujeito ler e escrever corretamente, já que

ela pode nos oferecer outros aspectos, os quais, talvez, contribuam bem mais com a nossa formação.

3.5 “Mas leio, leio...”

No tocante à frequência com que a leitura literária foi e/ou é realizada pelas professoras pesquisadas, iremos tratar aqui de dois momentos distintos, a saber: frequência de leitura literária antes do ingresso das professoras pesquisadas na academia, na condição de docente, e frequência de leitura literária realizada por essas educadoras, formadoras de futuros formadores de leitores, depois de iniciarem suas práticas docentes no ensino superior.

Ao analisarmos o depoimento da professora Lucíola em sua totalidade entendemos que desde o início, ou seja, de sua vida estudantil⁵ até a atualidade, a leitura literária tem feito parte de sua vida, embora, na medida em que o nível de formação se evolui, paralelamente cai à frequência de realização dessas leituras. Percebemos que no período da Educação Básica, mesmo sem incentivo de um profissional da área, a presença da leitura literária foi constante. O curso de graduação em Letras proporcionou diversas experiências de leituras de obras literárias. Entretanto, na pós-graduação, a professora afirma que sua experiência com a leitura tem ocorrido *com livros sobre linguística, linguagem e ensino*, justificando que isso acontece devido sua *área de atuação*.

Referindo-se ao curso de mestrado, a professora afirma que leu na íntegra somente um livro, *Introdução à linguística da enunciação*, as demais leituras foram de partes de livros, artigos, etc. No doutorado, as preferências às teorias tem se repetido e o livro a que faz referência à leitura completa e a discussão em sala de aula é *A aula como acontecimento* e cita os estudos de capítulos de livros ou artigos. Não existe menção a nenhum texto literário nesses dois períodos.

A professora Carolina, durante todo o depoimento, vai deixando pistas sobre a frequência com que realizou/realiza a leitura literária. No decorrer da Educação Básica, a prática leitora se fez presente de forma bastante intensa, chegando a afirmar que lia *um livro diariamente*. A formação superior possibilitou um contato, também, bastante frequente, porém mais sistemático, com a leitura, o que lhe proporcionou perceber as diferenças entre os

⁵ A professora a que nos referimos, ainda na atualidade, pode ser considerada como uma estudante/pesquisadora, no sentido lato senso da palavra, haja vista que a mesma é doutoranda em linguística aplicada.

autores e a escolher seu *escritor predileto*. *O Alencar podia ser uma literatura açucarada e idealizada (para uns), mas era com ela que me identificava.*

Ao ingressar no Mestrado teve a oportunidade de ler algumas obras (mas não constantemente) e realizar um estudo no qual visava comparar obras e/ou textos literários, entretanto, mesmo vendo essa prática como uma experiência significativa, afirma que a área da literatura comparada não foi algo “fascinante”, o que, “justifica” ter optado pela linguística, embora sendo amante da literatura.

A professora Capitu não nos forneceu, através do seu depoimento, muitas pistas sobre a frequência que lia/lê textos literários. Só conseguimos identificar que na Educação Básica a leitura era presente na sua vida, pois cita alguns autores considerados cânones da literatura, ao se referir a essa fase estudantil. Na graduação, confessa, somente, que as leituras literárias eram poucas, e no período em que cursou a especialização alega que as leituras realizadas foram mais teóricas.

3.5.1 E lendo “iniciaram uma nova era”...

Trataremos, agora, de verificar a possível frequência com que as professoras pesquisadas realizam a leitura literária, depois de iniciarem suas práticas docentes no ensino superior.

Pouco nos fala a professora Lucíola sobre a sua prática docente no ensino superior, e muito menos ainda, nos oferece esclarecimento sobre os textos literários que têm lido depois de seu ingresso na academia como formadora e/ou mediadora de conhecimento. Entretanto, deixa explícito que todas as leituras que foram vivenciadas durante sua vida estudantil estão, *sem dúvidas, imbricadas* em seu fazer pedagógico e, assim, servem de base para o *agir como professora formadora de formadores de leitores*. Ela ainda afirma que, atualmente, todas as leituras que realiza estão voltadas para a área da linguística, pois até as leituras literárias, quando são realizadas, estão *motivadas ou relacionadas a essa formação*. E a professora afirma: *no estágio atual, além da teoria de base para a minha pesquisa, encontro-me lendo Dostoiévski. Essa leitura foi motivada pelos estudos que tenho feito sobre Bakhtin, referencial da minha tese em desenvolvimento.*

A referida professora, na atualidade, se dedica a sua formação e, de certa forma, como ela mesma afirmou, *deixa um pouco de lado* a leitura literária por prazer. Não estamos aqui querendo dizer que a formação do profissional de educação não seja importante, ao contrário, todo profissional deverá estar frequentemente se capacitando para atuar, cada vez mais, de

maneira significativa. Sem essa qualificação, o educador tende a “parar no tempo” e, até mesmo, a diminuir sua contribuição na formação dos estudantes. E no que diz respeito à professora Lucíola, compreendemos que em sua procura pelo aprender, ao buscar a teoria (seja ela linguística ou literária), faz um paralelo com a leitura literária, pois, como afirma, a leitura Bakhtiniana instigou-a a ler Dostoiévski, se constitui em algo que tem certo diferencial.

Assim, não podemos deixar de ver esse fato como algo bastante positivo, já que essa intertextualidade, essa referência que um texto faz em relação a outro texto, pode ser um chamado a uma nova leitura, instigando ao leitor a conhecer novos horizontes através do livro. Ademais, como afirma Kristeva (1974, p. 64), “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de uma infinidade de outros textos”, o que pode levar o sujeito que lê a maiores compreensões, e a fazer uso do conhecimento já adquirido, para conseqüentemente compreender outros aspectos ofuscados. Assim, sendo instigado através de um texto a ler outro texto, depois mais outro, o círculo da leitura tende a não se fechar.

A professora Carolina não chega a mencionar sobre sua prática profissional no ensino superior, e, conseqüentemente, não esclarece se a leitura, ou seja, se o ritmo com que lia durante todo o seu percurso estudantil e de professora na Educação Básica, se modificou no âmbito acadêmico. Porém, deixa-nos bem claro que sua prática leitora, é algo constante na atualidade e afirma: *Hoje, leio...leio muito e gosto de escrever também. Pois, considero um absurdo ver profissionais de outras áreas escreverem e publicarem mais que os da área de Letras. Para mim, isso consiste numa incoerência.*

Podemos, então, compreender que a leitura, para essa profissional, tem uma importância bastante significativa, haja vista que se “mostra” consciente da responsabilidade que um professor da área de Letras deve ter, tanto no que diz respeito ao gosto permanente pela leitura, o qual deve ser alimentado e instigado pelo próprio ato de ler, como no que se refere a produção científica do conhecimento, que deve ter seu resultado registrado, na maioria das vezes, através da escrita, e tornado público, para assim, servir como fonte de pesquisa para estudantes e pesquisadores iniciantes.

A professora ainda afirma está *sempre com um livro nas mãos*, já que vê na leitura a possibilidade de aprimorar vários aspectos em sua vida, sejam eles religiosos, profissionais ou prazerosos. Compreende também que a leitura deve estar presente nos mais diversos momentos de sua vida e através de obras bastante diversificadas. Vejamos: *leio de tudo e o livro principal companheiro de todas as horas, é a Bíblia Sagrada. Leio de revistas infantis a*

enciclopédias. Na atualidade a pesquisada afirma estar lendo *O retorno do pequeno príncipe; Marina: a vida por uma causa e cartas de Deus para os jovens*. Além desses, há os teóricos e didáticos.

A intensa presença da leitura, de modo geral, no cotidiano dessa profissional, nos faz, cada vez mais, acreditar no encantamento que a leitura pode exercer em um sujeito e no poder que a mesma tem em formar, reformar e transformar. Essa profissional, mesmo com as inúmeras tarefas exigidas pelo seu cotidiano, ainda consegue “encontrar” tempo para a leitura de obra literária, mesmo que essas não sejam diretamente “exigidas” pelas suas atividades de discente e/ou docente.

Quando voltamos nosso olhar analítico à professora Capitu, percebemos que para a mesma atuar no ensino superior se configura em uma *experiência desafiadora* e ao ter a oportunidade de ministrar disciplinas teóricas na área de literatura, aproveita o espaço para *discutir com os alunos textos* literários, e dar ênfase aos *contos, poesias*, pois, considera que agindo assim, a disciplina segue um curso melhor e se torna menos “engessada”. Acreditamos que uma atitude como essa exige mais esforço do profissional de educação, pois mesmo esse profissional sendo um sujeito que ler e tendo internalizado uma considerável gama de conhecimentos relacionados à literatura precisa estar, a todo tempo, como afirma a professora, rememorando essas leituras, pois algumas delas podem estar guardadas no esquecimento da memória, por ter sido lido na infância, na adolescência ou até mesmo na juventude.

Na atualidade, Capitu confessa que lê poucas obras literárias, e justifica que isso ocorre porque, na maioria das vezes, ministra disciplinas ligadas a teorias da linguagem, didáticas e práticas de formação docente. Geraldi (2006, p.82), ressalta que é comum encontrarmos professores que não conseguem tempo para a leitura por prazer e “num processo histórico que já se revela no nascedouro da universalidade da escola, estão concretamente hoje afastados do livro e das bibliotecas pelas condições de trabalho e de salário”. Para o autor, as instituições de ensino não se encontram preparadas para efetivação de algumas atividades, principalmente, quando se refere às atividades de leituras.

Dessa forma, não podemos exigir dos professores, que na maioria, vivem em condições sociais desprivilegiadas e que precisam ter uma jornada dupla de trabalho, que sejam bons leitores, como se refere o autor, até porque não lhes resta tempo e suas condições financeiras, em muitos casos, os impossibilitam. Assim, sabedores de que o estudante é, na maioria das vezes, discípulo de seu mestre, não nos surpreendemos quando nos deparamos com estudantes despreparados e sem motivação para a leitura. É comum encontrarmos nas escolas professores

que não conseguem ser leitores assíduos. Possivelmente, estes vão encaminhar para a sociedade indivíduos que também não serão leitores constantes e eficazes (GERALDI, 2006).

3.5.2 Se “o livro é o corpo” e “a leitura o espírito”, o que alimenta a alma?

Verificaremos, agora, com que finalidades as professoras pesquisadas realizam as leituras literárias. Mais uma vez, recorreremos aos depoimentos das professoras pesquisadas.

Ao analisarmos o depoimento de Lucíola, como já tratamos anteriormente, percebemos que a professora, ao realizar na atualidade as leituras literárias, tem como finalidade enriquecer sua formação, mas não nega que essas leituras contribuam para o seu fazer pedagógico e afirma que as mesmas estão refletidas em sua prática *(re)produzindo-as, (re)inventando-as, (re)fazendo-as ou negando-as e assim, servem de base para o “agir como professora formadora de formadores de leitores.*

A professora não chega a mencionar a leitura literária por prazer e, mesmo afirmando que o fluxo de leitura realizada é bastante intenso, essa profissional não explicita, em sua “fala”, a importância que a leitura por prazer tem na formação do sujeito, pois ler por gostar de ler, também, nos proporciona conhecimentos, alguns já desejados e outros talvez nunca esperados. Como nos afirma Amarilha (2006, p.54) “devemos lembrar que ler literatura é uma atividade experiencial, isto é propicia ao leitor vivenciar emoções, situações, sentimentos sobre os quais passam a ter algum conhecimento, portanto, passa a ter certeza sobre alguma coisa”.

A professora Lucíola, ainda, destaca que as leituras realizadas no seu cotidiano estão mais voltadas para a teoria, e mesmo quando se trata de uma leitura literária, a mesma é voltada, motivada pela teoria que está estudando. Como já destacamos anteriormente, mesmo a leitura literária sendo realizada com intenções de compreender a teoria discutida, essa experiência não deixa de ser significativa, de contribuir para a formação de leitor literário, principalmente quando esse sujeito é um leitor maduro, pois, consideramos que seja capaz de viver a experiência da leitura literária, aproveitando as mais variadas possibilidades de interagir significativamente com o texto, formulando, assim, significados próprios para cada informação.

Comprendemos, pois, o ato de ler, como algo que deve sempre ser prazeroso, mas que, também é informativo, não deixando, assim, de se tratar de uma atividade construtora de conhecimentos, que poderá servir de base para adquirir outros conhecimentos, sendo a leitura

uma fonte inesgotável de sabedoria e uma arma a favor das transformações sociais e da formação intelectual do indivíduo bem como da formação cultural.

A professora Carolina, por sua vez, deixa bastante clara as finalidades com as quais realiza as leituras, além de nos afirmar que essas leituras ocorrem de maneira intensa em seu cotidiano e diz que a biblioteca (*o santuário dos livros*) é o seu “paraíso terreno”. Estando sempre com um livro na mão, a professora faz uma espécie de divisão dessas leituras e, conseqüentemente, suas finalidades, vendo cada uma delas de forma diferente e, assim, se constituindo em necessidades também diferenciadas. Observemos: ler a Bíblia e diz que essa leitura é permanente em sua vida, pois é ela que “alimenta a alma”. A leitura da Bíblia, para a nossa pesquisada, está ligada mais aos aspectos espirituais e religiosos, sentindo a mesma a necessidade de realizar essa leitura e buscar nela o “equilíbrio da alma”.

Para as leituras de romances, contos, crônicas, dentre outros, a professora Carolina, utiliza para tais o termo leituras “casuais”, apesar dessas também fazerem parte de seu cotidiano, pois como afirmamos anteriormente no período que essa pesquisada escrevia o seu depoimento, estava realizando a leitura de três obras literárias. Ela afirma que essas atividades leitoras são realizadas com a finalidade de sentir prazer e ao mesmo tempo refletir.

A leitura que é realizada com a finalidade de proporcionar prazer, mas ao mesmo tempo que desperta o leitor para uma reflexão, tem a possibilidade de ser uma atividade voltada para a construção de sentidos que todo texto pode nos proporcionar. É na construção desses sentidos, guiados pelas pistas deixadas pelo autor que o leitor poderá interagir significativamente com o texto, formulando, assim, significados próprios para cada informação. Ao refletir sobre uma determinada obra literária, o sujeito leitor, tenta entender o mundo que o rodeia, e, assim, compreender determinados acontecimentos da sociedade.

Para compreendermos mais claramente esse processo de leitura na qual o sujeito que lê tem a possibilidade de construir sentidos para os acontecimentos sociais de determinadas épocas e acontecimentos, podemos nos ancorar em Magnani (2001, p. 49), quando postula que o processo de leitura não consiste em “um ato isolado de um indivíduo diante do escrito do outro indivíduo. Implica não só a decodificação de sinais, mas também a compreensão do signo lingüístico enquanto fenômeno social”. Sob esse enfoque, o leitor realiza um encontro com o texto de modo a interferir nas relações do escrito com os seus aspectos históricos e sociais. Isso implica conceber a leitura como “um processo de construção de sentidos”. Dessa forma, não podemos considerar o processo de leitura como algo sem vida, visto que cada texto traz consigo uma enorme fonte de informação, de conhecimentos que podem ser vistos como uma porta para a transformação, já que inexistem textos neutros.

No depoimento da professora Capitu, percebemos que apesar de afirmar que na atualidade realiza poucas leituras de obras literárias, consegue definir com que finalidades todas as leituras que faz são realizadas, e, expressa: *As obras literárias que leio são por prazer, gosto de ler e, nesse sentido, textos, principalmente os romances literários, me interessam.*

Compreendemos que essa preferência pelo romance pode estar diretamente ligada a preferência pelas narrativas, pois, de acordo com Amarilha (1997), a estrutura pertencente a narrativa tem o poder de proporcionar em seus leitores certo envolvimento emocional, já que na maioria dos casos, aquele que lê se identifica com os personagens, e assim, tende a viver no jogo ficcional. Para a autora, o leitor é levado a acrescentar a essa experiência “o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de elação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o próprio jogo da ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que exerce sobre o receptor” (AMARILHA, 1997, p.18). Em relação às leituras de textos teóricos realizadas pela professora Capitu, as mesmas são realizadas com a finalidade de atuação da prática docente, e, conseqüentemente, a realização de discussões de teorias de linguagem, práticas e formação de professores.

Conclusão

Com a descrição analítica que realizamos, nos chama a atenção alguns aspectos: primeiro, podemos verificar que apesar das professoras pesquisadas não afirmarem com clareza a frequência com que realizam a leitura literária, as mesmas deixam claro que ainda continuam lendo obras literárias na atualidade, mesmo possuindo um ritmo de atividades muito intenso, já que além de serem professoras, dividem seu tempo com outras atividades, como a própria formação. Acreditamos que para contribuir com a formação leitora de seu aluno, o professor necessita ser também leitor e ter condições de externalizar as leituras realizadas para seus alunos, incentivando/instigando-os gosto pela leitura. Agindo assim, ele poderá passar para os seus estudantes o gosto e a necessidade da leitura.

Em seguida, nos chama a atenção o fato dessas professoras terem bem claras as finalidades das leituras que realizam, e, em sua maioria, compreenderem a importância da leitura por prazer. Quando são “instigados” a ler com outras finalidades, conseguem fazer com que essas leituras tenham um significado positivo e possam influenciar na sua prática docente, utilizando o que considera necessário e descartando o considerado negativo, como é o caso da professora Lucíola.

Consideramos o fato das professoras pesquisadas, na maioria dos casos, serem conscientes das finalidades de suas leituras, sejam elas literárias ou teóricas, como algo bastante positivo, pois, compreendemos que quando se lêem um texto, mais especificamente um texto literário, mesmo de forma investigadora, se já somos sujeitos que temos o gosto pela obra literária aguçado (entendemos que seja o caso das professoras pesquisadas), conseguimos “extrair” dele muito mais do que estamos “procurando”. Assim, como afirma Cosson (2009), o sentido do texto se completa com o ato da leitura. Geralmente, quando lemos ocorre um compartilhamento de ideias, sendo o texto literário, aquele que pode nos oferecer um maior “compartilhamento” dos conhecimentos e das culturas, pois nos aproximam da sociedade e nos permitem manter uma relação profunda tanto com o mundo, como com os que estão nele inseridos.

Referências

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Natal: EDUFRN, 1997.

_____. **Alice que não foi ao país das maravilhas:** a leitura crítica na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2006.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio** – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2001.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário.** São Paulo: Global, 2003.

COSSON, R. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 3. ed. Campinas: Ponte, 1995.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

MACHADO, M. Z. V. Literatura na escola: entre as escolhas dos alunos e as escolhas para os alunos. In: FREITAS, M. T. A. e COSTA, S. R. (Org.). **Leitura na formação de professores.** Juiz de Fora: UFJF, 2002, p. 71 – 79.

MAGNANI, M. R. M. **Leitura, literatura e escola.** São Paulo: Martins Fontes; 2001.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p.83-102.

SAMPAIO, M. L. P. **A função mediadora do planejamento na sala de leitura de textos literários**. 2005. 292 f. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

TORRES, M. G. P. **As experiências de leituras literárias de estudantes do curso de Letras/Português do NAESU**. 2010. 95 f. Monografia (Graduação em Letras – habilitação em Língua Portuguesa e respectivas literaturas) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Umarizal, 2010.

_____. **Na trilha da leitura literária de professoras de Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa (MELPS)**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2012.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

Data de recebimento: 30 de setembro de 2013.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2013.